



Revista Brasileira de História de
Educação

E-ISSN: 2238-0094

rbhe.sbhe@gmail.com

Sociedade Brasileira de História da
Educação
Brasil

de Moraes Limeira Pasche, Aline

A história da educação por Thomas Ransom Giles

Revista Brasileira de História de Educação, vol. 14, núm. 3, septiembre-diciembre, 2014,
pp. 205-233

Sociedade Brasileira de História da Educação
Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=576161037009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A história da educação por Thomas Ransom Giles

Aline de Moraes Limeira Pasche*

Resumo:

Este estudo pretende compor uma série de investimentos acerca da constituição e organização do campo da História da Educação. Propõe-se a analisar uma experiência particular de escrita cuja autoria é de Thomas Ransom Giles (1937-2009) – norte-americano de nascimento, radicado no Brasil. O livro *História da Educação* foi publicado pela Editora Pedagógica e Universitária, em 1987. Interessa pensar os recursos arrolados, a operação metodológica, os modelos narrativos com que dialoga e legitima, bem como as representações acerca do Continente Americano (Brasil e EUA) que faz circular em sua obra. É cogente ressaltar o interesse em conjecturar as diferentes experiências envolvidas com a produção desse saber, e em observar os ecos produzidos pela circulação das obras desse autor.

Palavras-chave:

manuals de história da educação; historiografia da educação; educação norte-americana; educação brasileira; sistemas de ensino.

* Doutoranda em Educação pela UERJ. Integrante do Núcleo de Ensino e Pesquisa em História da Educação (NEPHE-UERJ). Professora do ensino fundamental da prefeitura do Rio de Janeiro. Bolsista CAPES.

The History of Education by Thomas Ransom Giles

Aline de Moraes Limeira Pasche

Abstract:

This study intends to compose a series of investments on the establishment and organization of the field of History of Education. It set out to analyze a particular writing experience, that of Ransom Giles Thomas (1937-2009) – an American by birth who settled in Brazil. The book *History of Education* was published by Pedagogical and University Publishers in 1987. It focused on analyzing enrolled resources, methodological operation, narrative models it legitimizes and with which it dialogues, as well as the representations about the Americas (Brazil and USA) the author circulates in his work. It is cogent to note the interest in conjecturing the different experiences involved in producing this knowledge, and in observing the echoes produced by the circulation of the works by this author.

Keywords:

history of education textbooks; historiography of education; American education; Brazilian education; education systems.

La Historia de la Educación por Thomas Ransom Giles

Aline de Moraes Limeira Pasche

Resumen:

Este estudio pretende componer una serie de investigaciones acerca de la constitución y organización del campo de la Historia de la Educación. Se propone analizar una experiencia particular de escritura, cuya autoría es de Thomas Ransom Giles (1937-2009), un norteamericano de nacimiento, radicado en Brasil. El libro *Historia de la Educación* fue publicado por la Editora Pedagógica y Universitaria en 1987. Interesó pensar los recursos utilizados, la operación metodológica, los modelos narrativos con los que dialoga y legitima, así como las representaciones sobre el Continente Americano (Brasil y los Estados Unidos) que circulan en su obra. Es importante resaltar el interés en conjeturar las diferentes experiencias involucradas con la producción de este saber, y en observar los ecos producidos por la circulación de las obras de este autor.

Palabras clave:

manuales de historia de la educación; historiografía de la educación; educación norteamericana; educación brasileña; sistemas de enseñanza.

A História da Educação por Thomas Ransom Giles

Uma sociedade sem história é incapaz de projeto (PROST, 2008, p. 272).

Talvez por estarem tão intimamente relacionados, a história e os projetos de sociedade, como aponta Prost nesta epígrafe, é que tenham sido (e são) muitos os investimentos cujo intento é refletir acerca das experiências educacionais, sociais, culturais, políticas de outros tempos, outros espaços, outros sujeitos. Nesse caso, a escrita funciona como um dispositivo. A historiografia procura legitimar sua autoridade, querendo provar que o lugar onde se produz é capaz de compreender o passado, “[...] fingindo no presente o privilégio de recapitular o passado num saber” (CERTEAU, 2007, p. 17).

Compartilhando tais pressupostos, este estudo pretende compor uma série de investimentos que vêm sendo realizados, a partir das parcerias entre instituições ou pesquisadores, dos estudos que têm circulado em livros, revistas ou nos eventos, com intuito de refletir acerca de alguns aspectos relacionados à constituição e organização do campo da História da Educação, no que se refere à produção e circulação desse saber no Brasil e na América. Como exemplo, pode ser mencionada a obra *História da Educação na América Latina: Ensinar & Escrever*, organizada pelos professores José Gonçalves Gondra (UERJ) e José Cláudio Sooma (UFRJ), (GONDRA, 2011), ou mesmo o estudo recente concluído em nível de doutorado por Roberlayne Borges Roballo (2012) na Universidade Federal do Paraná, entre outros.

Portanto, o objetivo que se constitui aqui é de inventariar uma escrita da História de Educação erigida em uma experiência particular, o que se justifica por considerar que “[...] as fronteiras que definem diferentes modos de ver e explicar a História da Educação brasileira são menos nítidas do que muitas vezes podem aparentar” (XAVIER, 2011, p. 19), haja vista que, muitas vezes, há diálogos estabelecidos entre perspectivas diversificadas; ou seja, permitem pensar nosso próprio campo, nosso lugar de produção.

História da Educação é o título do livro publicado em 1987 por Thomas Ransom Giles. No contexto, já havia circulado no Brasil um conjunto de obras relacionadas ao campo da História da Educação,

ormente no que se refere às iniciativas da *Coleção Atualidades Pedagógicas* da Companhia Editora Nacional. Algumas dessas iniciativas compuseram a Biblioteca Pedagógica Brasileira dirigida por Fernando de Azevedo (1931- 1945) e Damasco Penna (1946-1978). Onze é o número de manuais de História da Educação publicados pela CAP nos anos de 1930 a 1970, entre os quais *Noções de História da Educação* (1933), de Afrânio Peixoto; *História da Educação* (1939), de Paul Monroe; *Noções de História da Educação* (1945), de Theobaldo Miranda Santos; *História da Educação e da Pedagogia* (1955), de Lorenzo Luzuriaga e *História da Pedagogia* (1957), de René Hubert.

Entretanto, o movimento de escrita desse saber na forma de manual se deu igualmente como investimento de diversos outros sujeitos e instituições. É grande o número de editoras e autores que fizeram circular em livro alguns conhecimentos, abordagens e interpretações relacionadas à História da Educação no Brasil e no mundo. Sem a pretensão de esgotar a lista, é possível elencar algumas obras:

- *Pequena história da Educação* – Madre Francisca Peeters e Madre Maria Augusta de Cooman, pela Editora Cia. Melhoramentos (1936);
- *História da Educação* – Bento de Andrade Filho, pela Editora Saraiva (1941);
- *Esboço da História da Educação* – Ruy de Ayres Bello, pela Companhia Editora Nacional (1945);
- *Pequena História da Educação* – Ruy de Ayres Bello, pela Editora Brasil (1957);
- *História da Educação* – Bento de Andrade Filho, pela Editora Saraiva (1953);
- *Primórdios da Educação no Brasil: o Período Heroico* (1549 a 1570) – Luiz Alves de Mattos, pela Editora Aurora (1958);
- *História da educação Luso-brasileira* – Tito Lívio Ferreira, pela Editora Saraiva (1966);
- *História da educação brasileira* – José Antonio Tobias, pela Editora Juriscredi (1977);
- *História da Educação no Brasil* – Otaíza de Oliveira Romanelli, pela Editora Vozes, (1975);

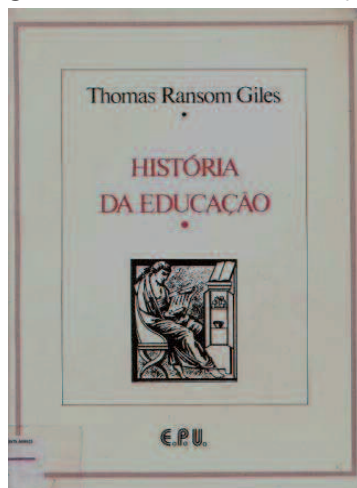
- *As Origens e a Evolução da Educação Moderna* – Elizabeth S. Lawrence, pela Editora Ulisseia Limitada (1950);
- *História da educação brasileira: a organização escolar* – Maria Luísa Santos Ribeiro, pela Editora Cortez & Moraes (1978);
- *Fundamentos da educação: história e filosofia da educação* – Gilberto Vieira Cotrim, Mário Parisi, pela Editora Saraiva (1979);
- *A História da Educação através dos textos* – Maria da Glória Rosa, pela Editora Cultrix (1971);
- *História da Educação Moderna* – Frederik Eby, pela Editora Globo (1978);
- *História Geral da Pedagogia* – Francisco Larroyo, pela Editora Mestre Jou (1974);
- *História da Educação* – Roger Gal, pela Editora Nacional (1987);
- *Filosofia e História da Educação* – Claudino Piletti e Nelson Piletti, pela Editora Ática (1985);
- *Estado e Educação na História Brasileira 1750 / 1922* – Leonardo Trevisan, pela Editora Moraes (1987);
- *Visão panorâmica da História da Educação na Europa* – Irmão Pierri Zind, pela Editora do Centro de Estudos Maristas (1987);
- *História e Pensamento na Educação Brasileira* – Regis de Moraes, pela Editora Papyrus (1985);
- *História Esquemática da Educação e das Universidades no Mundo* – David Carneiro, pela Editora UFPR (1984).

A partir desse quadro, inobstante incompleto e provisório, o intuito é constatar o desenvolvimento do mercado editorial e do seu interesse por um produto cuja demanda era proporcionalmente crescente. Diferentes editoras e autores, a partir de diversificadas filiações nos campos religioso, filosófico, sociológico ou educacional, tornaram-se responsáveis pela ampliação da produção e da circulação de manuais de História da Educação no nosso país.

Partilhando o empenho por esquadriñar mecanismos, redes de sociabilidades, investimentos em traduções, criação de coleções,

participação de determinados autores e campos, narrativas empregadas, entre outros aspectos articulados a esse movimento no campo, o estudo propõe pensar mais detidamente acerca da única edição de *História da Educação*, que, diferentemente do que aparece em algumas pesquisas, não se trata de um manual ‘estrangeiro’, mas de um livro escrito e publicado no país, em língua portuguesa, cujo autor, de nacionalidade estrangeira, tinha sido radicado no Brasil há 22 anos (desde 1965).

Figura 1 – *História da Educação*



Fonte: O autor.

Thomas Giles nasceu em 1937 e faleceu em 2009 em Nova Iorque nos Estados Unidos, onde provavelmente viveu até o final da década de 1990. Essas poucas informações são os vestígios possíveis de localizar até o momento, a partir de um cruzamento de dados disponibilizados em notas biográficas que se repetem, em alguns de seus livros, e por sucessivos investimentos de pesquisas na internet.

O que se sabe, a partir dos indícios dados a ver nesses materiais sinalizados, é que sua filiação intelectual, pessoal e profissional se deu pela aproximação com o campo da filosofia e com a doutrina religiosa do catolicismo, tendo sido indicado, inclusive, como padre por uma das editoras pelas quais teve seus livros publicados. De seu nascimento à sua morte, é possível saber apenas que Thomas Giles doutorou-se em História da Filosofia pela Universidade Católica de Louvain em 1964.

Há indícios de que, no Brasil, instalou-se em São Paulo onde ministrou aulas no Curso Superior de Filosofia do Mosteiro de São Bento e em “[...] outras faculdades particulares, e na Universidade de São Paulo”, (GILES, 1987, p. orelha) como é informado por seu editor. No ano de 1999, quando já somava alguns livros publicados, fundou, com os demais membros, a Sociedade Brasileira de Fenomenologia cujos fins são “[...] exclusivamente educacionais, culturais e científicos”¹.

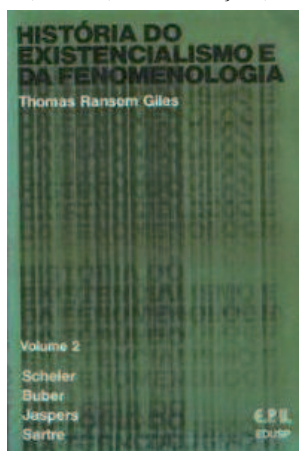
O manual *História da Educação* foi publicado em 1987 pela Editora Pedagógica e Universitária (EPU)², quando já havia escrito

¹ Disponível em <<http://www3.pucrs.br/portal/page/portal/ffchppg/ppgfilo/ppgfiloSociedades/ppgfiloSociedadesFenomenologia>>. Acesso em: 19 ago. 2014.

² Fundada em 1952, como Herder Editora e Livraria Ltda., importadora e distribuidora dos livros de Editorial Herder (Espanha) e Verlag Herder (Alemanha) no Brasil. “Em 1973, a Herder transferiu sua participação para a Editora Klett (Alemanha). Com isso, a EPU iniciou uma nova fase de evolução dinâmica nas áreas de Psicologia, Educação, Medicina, Enfermagem, Filosofia, Idiomas, sobretudo Português (do Brasil) como língua estrangeira etc. Em 1983, a sócia alemã se retirou e todas as cotas foram adquiridas pelos sócios Franziska Knapp e Wolfgang Knapp. A partir de 1983, a EPU publica quase exclusivamente autores brasileiros”. A partir de 2011, a editora foi adquirida pelo grupo Gen (Grupo editorial Nacional). De acordo com o site da instituição, Com essa aquisição, o GEN “[...] amplia seu catálogo com obras nas áreas de idiomas, pedagogia, educação, filosofia, psicologia e publicações de conteúdo profissionalizante de medicina, enfermagem e exatas”. Conforme Mauro Koogan Lorch, presidente do GEN, a aquisição da EPU acontece em bom momento. “Nosso interesse com a compra de uma editora tradicional como a EPU é o seu catálogo abrangente, com obras voltadas para educação, idiomas e formação de profissionais, para suprir uma necessidade atual do mercado de trabalho. A aquisição beneficia diretamente aos leitores com mais conteúdo de qualidade”, comenta Lorch. Para Wolfgang Knapp, sócio fundador da EPU, o fator determinante para a venda da editora ao Grupo Editorial Nacional é a ênfase do grupo na busca pelo aprimoramento contínuo do negócio, incluindo novas formas de distribuição do conteúdo e a parceria com os autores. “Nossa principal preocupação é a continuidade do trabalho que fizemos em quase 60 anos de atuação, e nós encontramos o perfil que procurávamos no GEN”, comenta Knapp. O objetivo do Grupo é prover o mais completo conteúdo educacional para as áreas científica, técnica e profissional (CTP). Com sedes no Rio de Janeiro e em São Paulo, e representantes em todo Brasil, o GEN oferece um catálogo, agora com mais de 2.800 títulos. Todas as citações estão disponíveis em: <<http://www2.grupogen.com.br/mailmkt/epu.html>>. Acesso em: 19 ago. 2014.

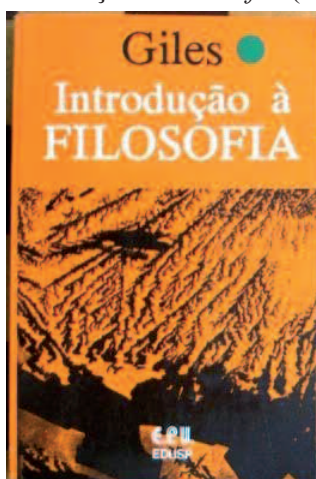
outros títulos. Com essa empresa e seu proprietário, Wolfgang Knapp – alemão que residia no Brasil desde 1961 e adquiriu o empreendimento no qual já trabalhava como diretor em 1984 foi estabelecida parceria de alguns anos. Thomas Giles publicou mais de 10 livros:

Figura 2 - *História do existencialismo e da fenomenologia* (EPU, 1975, e 2^a. edição, 1989).



Fonte: O autor.

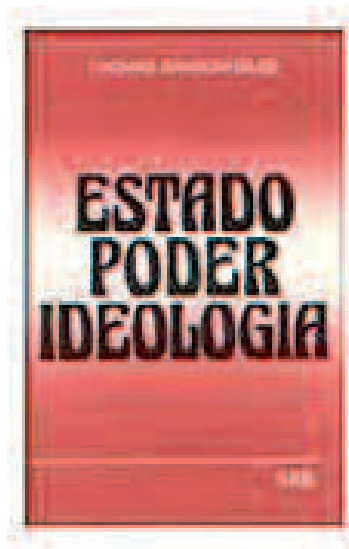
Figura 3 - *Introdução à Filosofia* (EPU, 1979).



Fonte: O autor

O que é filosofar? (EPU, 1984).

Figura 4 - *Estado, Poder, Ideologia* (EPU, 1985).



Fonte: O autor.

Figura 5 - *Filosofia da Educação - Coleção Temas Básicos de Educação e Ensino* (EPU, 1983 e 2ª. edição, 1987).



Fonte: O autor.

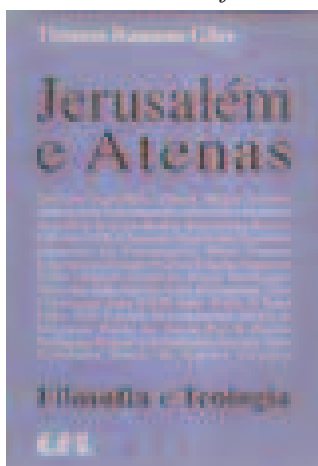
Teologia em perspectiva (EPU, 1990).

Dicionário de Filosofia Termos e Filósofos (EPU, 1993).

A filosofia: origem, significado e panorama histórico (EPU, 1995).

A filosofia e as ciências exatas ou naturais (EPU, 1995).

Figura 6 - *Jerusalém e Atenas. Filosofia e Teologia* (EPU, 2001).



Fonte: Livraria Saraiva. Disponível em:
<http://www.livrariasaraiva.com.br/produto/451986/?pac_id=8342&utm_source=shoppinguol&utm_medium=comparador&utm_campaign=cpc_Livros-451986_8342>. Acesso em: 19 ago. 2014.

Figura 7 - *Nietzsche no limiar do século XXI*
(EPU, 2003 e 2ª. edição, 2008).



Fonte: Buscapé. Disponível em: <<http://www.buscape.com.br/nietzsche-no-limiar-do-seculo-xxi-thomas-ransom-giles-colaboracao-de-vicente-masip-8512791209.html#precos>>. Acesso em: 19 ago. 2014.

Somados a essas publicações, há outros investimentos do autor com as editoras Santuário³ e Vozes⁴:

³ De acordo com o site, a Editora foi criada em 1900 com "[...] objetivo pastoral claro: facilitar, por meio da imprensa, a evangelização, principalmente dos mais pobres. Eles são a razão e a identificação de nossa existência. O trabalho com os mais pobres é algo muito querido para os redentoristas, herdeiros do carisma missionário de Santo Afonso. A fundação da Editora Santuário liga-se ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida, unindo a fé do peregrino com um veículo de comunicação. Aí nasceu o Jornal Santuário de Aparecida, que em todo este tempo nunca deixou de ser impresso". As informações estão disponíveis em: <http://www.a12.com/editora-santuario/institucional/detalhes/historia>. Acesso em 11 de set. 2014.

⁴ De acordo com o site, "Empreendedora, comprometida com a cultura e a evangelização. É assim que se pode definir a empresa Editora Vozes Ltda. A partir de sua sede em Petrópolis, região serrana do Estado do Rio de Janeiro, onde também se situa seu moderno parque gráfico, seus livros e revistas chegam a todo o Brasil e a Portugal através de seus 13 centros de distribuição, de sua rede de livrarias e sua sucursal em Lisboa. O catálogo da Editora Vozes soma mais de 2 mil títulos ativos, número este que é acrescido a cada mês com uma média de 15 lançamentos. Ao longo dos anos, as linhas de publicação da Editora Vozes passaram a ser reconhecidas por sua seriedade e consistência, consolidando assim uma liderança editorial em diversas áreas do conhecimento

Rumos da pastoral vocacional (Editora Santuário, 1976).

Coragem! O senhor te chama (Editora Santuário, 1978).

Figura 8 - *Hora santa vocacional. Senhor que queres que eu faça?*
(Editora Santuário, 1983).



Fonte: Estante Virtual. Disponível em:

<<http://www.estantevirtual.com.br/bancacultural/Pe-Thomas-Ransom-Giles-Hora-Santa-Vocacional-Senhor-Que-Quere-62455508>>. Acesso em: 19 ago. 2014.

Crítica fenomenológica e experimental da psicologia experimental em M. Merleau-Ponty (Editora Vozes, 1979).

como Pedagogia, Filosofia, Psicologia, Sociologia, Catequese, Ensino Religioso e outros” Disponível em:
<<http://www.universovozes.com.br/editoravozes/web/view/AEmpresa.aspx>>. Acesso em: 19 ago. 2014.

Considerando a leitura dos títulos mencionados, o ano de publicação dos livros, as empresas mobilizadas nesse mercado editorial e os temas arrolados em cada obra, constata-se que Giles publicou obras de temas distintos, a partir de três diferentes editoras e em épocas concomitantes. O conjunto de obras remete aos campos da filosofia, filosofia da educação, história da educação, educação, doutrina cristã e teologia. Não é coincidência que as marcas da religiosidade e da filosofia apareçam explicitamente nos vestígios (de parte de) sua formação em filosofia em uma instituição católica, como foi possível identificar.

Thomas Ransom Giles começou a sua trajetória de publicações quando completou uma década, residindo no país. Quais foram os vínculos, as experiências e os investimentos pessoais ou profissionais estabelecidos desde o ano de 1965, quando chegou ao país? Como se deu o processo de concessão do visto de permanência (cujas indicações é de que tenha sido concedido no mesmo ano em que chega ao Brasil)? Por que retornou aos EUA? Seria interessante localizar mais informações que pudessem esclarecer sua aproximação com grupos religiosos como Mosteiro de São Bento (SP), Editora Santuário, Editora Vozes, com o campo da filosofia da educação, com a Editora Pedagógica e Universitária – com quem publicou grande parte de suas obras – bem como seu interesse pela escrita de um manual de História da Educação.

Atinente à sua aproximação com o campo da educação pela filosofia e pela história, a hipótese é de que sua abordagem de História da Educação tenha sido desenvolvida a partir de suas experiências no magistério (nas faculdades particulares de São Paulo, USP e Mosteiro de São Bento, como é indicado) ou por orientação editorial. Além do mais, é sabido que a História da Educação no Brasil esteve fortemente marcada em sua emergência como campo de conhecimento pela relação com a Filosofia e Sociologia da Educação, no sentido de esses ramos do saber comporem disciplinas escolares de fundamentos da educação nos cursos de formação de professores. Nesse sentido, era bastante comum acompanhar os conhecimentos dessa matéria em circulação em manuais como relatos da ‘história das ideias pedagógica’, narrativa dos ‘grandes pensadores’, da evolução dos ‘modelos pedagógicos’ no tempo.

Uma experiência particular de escrita

[...] o processo educativo almeja integrar a pessoa [...] em determinado contexto e tradição sociocultural. Uma vez consolidado, o processo educativo visa à transmissão desta tradição, pois é esta que sustenta os valores em que a sociedade se apoia. Entretanto, à História da Educação compete não somente o relato das diversas tradições educativas, mas, sobretudo, a tarefa de ajudar a formar uma visão crítica das mesmas (GILES, 1987, p. 1).

Interessa analisar esta experiência particular de escrita, refletindo acerca dos diálogos estabelecidos por Thomas Giles nas 304 páginas do seu manual com a História da Educação. Em 22 capítulos, ele pretendia realizar um estudo que sintetizasse as questões educacionais em alguns países desde os tempos ‘primitivos’ ao final da década de 1980, seu tempo atual. No que se refere ao emprego de recortes cronológicos, é sabido que essa operação sempre implica determinados efeitos. Pode-se tanto compreender que “[...] voltar tão longe não é ceder à miragem das origens indefinidamente reproduzidas da inovação”, mas “[...] apreciar melhor a significação, a amplitude e também os limites recolocando-a em um contexto que a viu nascer e que a tornou possível [...]”, quanto entender que esse olhar panorâmico pode ceder a simplificações (REVEL, 2010, p. 22).

O fato é que o autor de *História da Educação* procurou pensar, de forma conjunta, algumas tradições, modelos e ideias enquanto relatou experiências de escolarização ou ‘sistemas de ensino’. Para Giles (1987, p. 1), a história das ideias, das instituições e o processo educativo são ‘inseparáveis’. Esse aspecto, que é mais geral da sua narrativa, pode ser percebido pelo sumário apresentado no livro (GILES, 1987), a saber:

1. O homem primitivo e o processo educativo
2. O simbolismo: a expressão escrita e o processo educativo (1 subtítulo)
3. A tradição da Grécia (6 subtítulos)
4. A tradição de Roma: a formação do cidadão (6 subtítulos)
5. A tradição hebraica (6 subtítulos)

6. A tradição cristã (9 subtítulos)
7. A tradição feudal (12 subtítulos)
8. A presença islâmica e o processo educativo
9. A fundação das universidades (6 subtítulos)
10. A tradição renascentista (11 subtítulos)
11. A expansão do humanismo e o processo educativo (6 subtítulos)
12. O humanismo cristão e o processo educativo (12 subtítulos)
13. A tradição moderna (7 subtítulos)
14. A caminho do Iluminismo: a extensão do processo educativo (8 subtítulos)
15. O iluminismo (4 subtítulos)
16. A época das revoluções e o processo educativo (4 subtítulos)
17. O início dos sistemas nacionais (4 subtítulos)
18. As reformas liberais e a reação conservadora (6 subtítulos)
19. As ciências exatas e o processo educativo (3 subtítulos)
20. A aurora de uma época no processo educativo (9 subtítulos)
21. O planejamento nacional e o processo educativo (4 subtítulos)
22. Quadros da História do processo educativo no Brasil (5 subtítulos)

A partir desse quadro, é crível notar duas questões interessantes. O autor compreende as experiências educativas do homem como anteriores à escrita e à escola – esta instituição moderna cujas características principais são as que conhecemos hoje: “[...] a escola, no sentido formal, não existe [...]” (GILES, 1987, p. 4). Não obstante, reconhece que “[...] o processo educativo torna-se preso à palavra escrita [...]” (GILES, 1987, p. 9). Nesse sentido, a História da Educação que propõe erigir situa o olhar do leitor para os diferentes modos de educar no tempo sem imprimir uma ideia de escola, anacronicamente, à época estudada, embora classifique tal momento como ‘primitivo’ (bárbaro, incivilizado?). Ainda assim, nota-se seu interesse por explorar aspectos das experiências culturais e educacionais da sociedade oriental, quando dá a ver suas considerações acerca da ‘tradição hebraica’ e da ‘presença islâmica’.

Para empreender a tarefa de inquirir acerca dos sistemas de ensino no mundo e em diferentes épocas, o autor dialogou com 55 títulos que

figuram em sua bibliografia, brasileiros e estrangeiros, cujas obras foram publicadas entre os anos de 1912 (Maria Montessori) e 1978 (Valmir Chagas). Entre os 22 autores estrangeiros, a grande maioria é de livros publicados nos EUA, com exceção de três publicações de Londres e uma francesa. Contando com um total de 13 obras brasileiras, a lista de autores convidados ao diálogo apresenta os seguintes nomes: Jayme Abreu, Fernando de Azevedo, Florestan Fernandes, Tito Livio Ferreira, Paulo Freire (citado também em *Filosofia da Educação*, 1983), Cruz Costa, Edgar Carone, Luiz Antônio R. da Cunha, Maria de Lourdes Mariotto Haidar, Otaíza Romanelli, Jorge Nagle, Ruy Afonso da Costa Nunes.

Os indicativos desvelados por suas referências bibliográficas, as quais aparecem, exclusivamente, na parte final do livro – não tendo sido citadas ao longo do texto – são evidências de seu investimento na *Historiografia da Educação*, relativamente recente ao período de publicação do livro. Há indicação de livros de *História* e manuais de *História da Educação*; com isso, ainda que sua formação estivesse ancorada no campo da filosofia, percebe-se que Thomas Giles investiu no levantamento (não é possível afirmar se na leitura também) das produções relacionadas ao projeto que, aparentemente, soa como desvio na comparação com os demais.

Talvez essas referências bibliográficas indiquem o reconhecimento da autonomia entre tais disciplinas. É certo que *Filosofia da Educação* e *História da Educação* mobilizam diferentes ferramentas ou instrumentos e evidenciam as complexidades do processo educativo no tempo e no espaço com perspectivas particulares, embora dialoguem entre si.

Em sua escrita, há uma prescrição acerca do que se compreende como função da *História da Educação* cuja responsabilidade é menos o “[...] relato [...]” das diversas tradições educativas que a elaboração de um processo de reflexão crítica das experiências de escolarização (GILES, 1987, p. 1).

De um modo geral, o dispositivo da escrita resulta em determinados efeitos, mediante as escolhas operadas. No seu desenvolvimento, especificamente, são erigidas representações gerais acerca do processo educativo. Neste caso, interessa atentar ao que é dado a ver na narrativa acerca do continente em que está inserido o próprio autor: América. Quais são os aspectos postos em destaque, no que se refere às experiências educativas no Brasil e nos Estados Unidos? Que

compreensão é forjada? Que comparação é elaborada? Como é a operação que desenvolve?

Sabendo que “[...] enquanto falam da história estão sempre situados na história [...]” (CERTEAU, 2007, p. 32), o empenho será no sentido de ver o que Thomas Giles apreende como História da Educação Norte-Americana e Brasileira, sendo ambos lugares de onde fala. Portanto, interroga-se a “[...] representância [...]”, ou “[...] intencionalidade do discurso histórico [...]” em Giles (RICOEUR, 2008, p. 2).

Em se tratando de educação, os EUA ‘assumem a dianteira’

Nos sintéticos subcapítulos ‘17.3 Os Estados Unidos: a educação para o republicanismo’ (com 4 páginas) e ‘21.1 Os Estados Unidos e os países da Europa do Norte’ (com 6 páginas), Thomas Giles emprega dados estatísticos, discorre acerca das questões de gênero, raciais e estabelece comparações com outros países (Inglaterra, Nova Zelândia, Irlanda, Canadá, França, Alemanha, Bélgica, Áustria). Somada a essas operações, destaca ainda diferentes forças que atuaram em prol da escolarização no seu país, mormente o papel desempenhado pelos religiosos, sobretudo católicos – neste caso, sua experiência de religiosidade católica pode ter contribuído com essa forma particular de dar a ver a presença do elemento religioso nos EUA.

Para ele, no início do século XX, em termos estatísticos, os Estados Unidos assumem a dianteira como país que “[...] expande os horizontes do processo educativo [...]” (GILES, 1987, p. 265):

Em 1900, a porcentagem da população escolarizada é de 22% do total, índice inaudito na época. Também ao nível secundário e de faculdade essa porcentagem aumenta, subindo de menos de 5% da população, em 1900, para 10% em 1920 e 42% em 1940 (GILES, 1987, p. 265).

A razão de tal ‘progresso’ é diagnosticada como resultado das relações imbricadas entre as esferas públicas e privadas na promoção do ensino. Entretanto, a questão racial, além de outros “[...] argumentos elitistas [...]”, fizeram esbarrar a implementação de ideais educativos,

incluindo o cumprimento da legislação sobre a obrigatoriedade da escolarização (GILES, 1987, p. 265).

Giles apresenta ainda o projeto de escolarização como algo derramado por toda a sociedade, tendo sido, inclusive, fomentado por iniciativas de grupos sociais, como os negros que criavam escolas primárias, secundárias e também faculdades. Na sua perspectiva, o século XX apresenta um quadro de estruturação quando, por exemplo, em 1917, instituiu-se o “[...] Certificado Escolar [...]” cuja finalidade era “[...] uniformizar ainda mais o sistema” (GILES, 1987, p. 267). Esse quadro de desenvolvimento, no entanto, não esconde o fato de que havia uma ‘maioria dos filhos de operários’, ainda excluídos da escolarização formal. De um modo geral, suas considerações apontam existir um princípio norteador da instrução oferecida à população: sua democratização.

A educação ‘entre nós’: Brasil

No capítulo exclusivo para as reflexões acerca das experiências brasileiras, o último do seu livro, Giles dedicou 13 páginas; trata-se de ‘22. Quadros da História do processo educativo no Brasil’. A partir dele, estabeleceu uma narrativa segmentada em cinco subitens.

Para ele, “[...] há fatores que condicionam o processo educativo [...]” (GILES, 1987, p. 283) e, no caso brasileiro, os fatores são culturais, políticos e econômicos. Nas suas palavras, “[...] (GILES, 1987, p. 283) a herança cultural lusa aparece como sinal de atraso, descolamento com a realidade local, sendo uma grande barreira à extensão do território e, consequentemente, os conflitos constantes entre “[...] poder local e poder central” (GILES, 1987, p. 285).

Em ‘22.1 Época colonial, imperial e o início do período republicano’, Giles discorre a respeito de mais de quatrocentos anos de história em cinco páginas, afirmando a importância do papel da Companhia de Jesus na constituição do sistema escolar brasileiro, enquanto enumera exemplos de colégios, seminários e instituições criados e mantidos por esses religiosos.

O papel do Estado é assinalado como de grande importância no momento em que é obrigado a “[...] assumir toda a responsabilidade pelo processo educativo [...]” (GILES, 1987, p. 286), quando os Jesuítas são expulsos. Para ele, o século XIX apresenta um quadro muito diferente

em termos políticos, culturais e econômicos, o que resulta na criação de instituições culturais e de ensino. No entanto, “[...] o empenho do Império [...] se deu com medidas para desenvolver o ensino superior e não os outros níveis de ensino” (GILES, 1987, p. 287).

Tencionando refletir sobre ‘22.2 A época moderna e novos rumos no processo educativo’, Thomas Giles destaca “[...] a urgência de fundar uma nova ordem sócio-política, o que exige um governo firme e nitidamente voltado para os interesses nacionais [...]”, e, em suas palavras, o “[...] movimento de 1930 visa realizar este objetivo” (GILES, 1987, p. 290). Neste caso, engana-se o leitor se pensou que estejam sendo retratadas as mobilizações políticas, culturais e educativas da década de 1930, realizadas por alguns intelectuais, professores, políticos e artistas – uns, conhecidos como Pioneiros da Educação; outros, anônimos. Nas suas considerações, foi a “[...] Revolução de 1930 [...]” que criou “[...] condições [...] de se expandir o ensino, para nele incluir uma parcela maior da população” (GILES, 1987, p. 290). Desse modo, a organização política da época, com suas características autoritárias ou ditatoriais, tornou-se um meio eficiente para levar o país ao processo de expansão do ensino “Toda a conjuntura sócio-política permite a proclamação do Estado Novo, em 1937. Vargas já detém todos os poderes para realizar os objetivos idealizados, inclusive o projeto de industrialização do país” (GILES, 1987, p. 290).

Entre os “[...] novos rumos [...]” desse momento nacional, figurava uma demanda popular crescente pela escolarização formal e a necessidade de erradicar o analfabetismo – projeto que aparece como “[...] prioridade dos governos [...]”, embora o “[...] desequilíbrio regional [...]” ainda seja uma marca da “[...] evolução do sistema educativo” (GILES, 1987, p. 291). Da mesma forma, é apontada a questão dos níveis de ensino e o fato de os mesmos serem atendidos de forma desigual em suas reivindicações e penúrias.

Aqui o autor procura evidenciar o conjunto de forças atuando pela realização desses ‘novos rumos’ da modernidade brasileira. Giles realça o papel desempenhado pelo Estado, mas também por algumas instituições e movimentos, como o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nacional, a Associação Brasileira de Educação, o Conselho Nacional de Educação.

Com o subtítulo ‘22.3 O Estado novo e as leis orgânicas do ensino’, destaca algumas características das regulamentações

implantadas no Brasil. Segue com ‘22.4 A Constituição de 1946 e tentativas de democratização do processo educativo’ e ‘22.5 O processo educativo no Brasil a partir e depois de 1946’, observando as novas orientações dadas ao financiamento e à organização do ensino. Sua perspectiva aponta a relação educação/trabalho como a grande característica das novas proposições públicas para o ensino no Brasil. Assim, relata, por exemplo, aquilo que considera ser a “[...] nova etapa na evolução do processo educativo, concretizada pela criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) [...]” (GILES, 1987, p. 295), bem como convênios entre a esfera pública e instituições internacionais, como o firmado entre o MEC e a Agência para o Desenvolvimento Internacional (Agency for International Development).

Com base nessa leitura indiciária e provisória, as palavras de Paul Ricoeur tomam forma. A “[...] representação enquanto narração não se volta ingenuamente para as coisas ocorridas [...]”, mas “[...] interpõe sua complexidade e sua opacidade [...]” à “[...] pulsão referencial da narrativa histórica” (RICOEUR, 2008, p. 4). Do lugar de onde fala, ou melhor, escreve, Thomas Giles – padre, norte-americano de nascimento, radicado no Brasil nos anos de 1960, professor do ensino superior, com vínculos de formação e atuação nos campos da teologia, educação, filosofia – produz uma História da Educação cuja proposta é retratar “[...] avanços e retrocessos” (GILES, 1987, p. 301). A operação realizada a partir desses dois horizontes evidencia, no entanto, suas perspectivas particulares acerca de determinadas escalas evolutivas; afinal, para ele, o processo de escolarização é “[...] cumulativo [...]”, e há civilizações com “[...] etapas dessa evolução [...]” já ultrapassadas (GILES, 1987, p. 301). Nesse sentido, diz que é mister “[...] encontrar os caminhos que melhor permitam ao educador aproveitar os acertos do passado [...]” para ser possível “[...] evitar os descompassos que só a História pode nos ensinar” (GILES, 1987, p. 2).

Talvez por considerar que os EUA e alguns países europeus se encontravam em etapas mais evoluídas do processo educativo, Thomas Giles não mencionou as experiências desenvolvidas pelos demais países do continente americano. Com uma exceção, no entanto. As exposições atinentes às experiências brasileiras no ensino ficaram direcionadas ao último capítulo (com pequenas referências na introdução), partilhando espaço com relatos sobre os países mais adiantados.

De modo geral, o Brasil, para ele, apresenta uma história ainda repleta de reparos a serem realizados, no que tange ao campo educativo. Ainda sem perder de vista essa observação, nota-se que, ao elaborar os instrumentos de comparação, são selecionados e dados a ver, na narrativa, alguns modelos ou referenciais tidos como comparáveis, a saber: EUA, França, Inglaterra, Prússia, Alemanha.

Considerações finais

Para o educador com senso histórico, o passado do processo educativo está presente no atual momento sob forma de pressupostos, de práticas, de atitudes e, invariavelmente, de preconceitos. Elimina-se, portanto, a ideia da História da Educação como simples leitura passiva do passado, ou como simples relato cronológico do desenrolar da teoria e práticas educativas. A verdadeira História é busca, investigação e procura sistemáticas, com o intuito de tornar o presente mais inteligível (GILES, 1987, p. 1).

A função da história é tornar o presente inteligível? Fazer com que se compreenda a realidade a partir de determinados ângulos? Importa mesmo é compreender o fosso, aquele que nunca será ultrapassado, que “[...] separa a realidade do discurso e que relega este último à futilidade” (CERTEAU, 2007, p. 20).

As palavras não são as coisas, o discurso não é a realidade, a narrativa não é uma verdade. Nesse caso, o que então justifica o empreendimento deste estudo? Interessou mesmo dar a ver uma experiência de escrita voltada aos assuntos da historiografia da educação, com características particulares. O esforço contribui para compreender a constituição do campo, o envolvimento de diferentes sujeitos e instituições com a História da Educação. Afinal,

A história é uma escrita de uma ponta a outra: dos arquivos, dos textos de historiadores, escritos, publicados, dados a ler [...] O livro de história faz-se documento, aberto à série das reinscrições que submetem o conhecimento histórico a um processo contínuo de revisão (RICOEUR, 2008, p. 1).

Nesse caso, devotar atenção a essa escrita reafirma mesmo a compreensão de que o conhecimento histórico está submetido a um processo saudável e contínuo de revisão. O fato de a obra ter tido apenas uma única edição pode ser um indício desse processo e dos limites de sua circulação, leitura, apropriações. Ao mesmo tempo, indício do movimento de renovação da historiografia da educação cujas causas/efeitos resultaram na autonomia da disciplina em relação aos demais “fundamentos da educação” e na reflexão acerca dos limites das narrativas tradicionais, da proposição de novas abordagens, fontes, objetos, do desenvolvimento de novas pesquisas com a criação dos cursos de pós-graduação em Educação etc. Pode não ser apenas um detalhe que o único investimento do autor na escrita da História da Educação tenha sido esta obra – publicada no mesmo ano e pela mesma editora, em que foi reeditado outro livro seu, intitulado *Filosofia da Educação* (lançado, pela primeira vez, em 1983).

No entanto, isso não é suficiente para afirmar que esse autor não foi, ou não é, referência bibliográfica utilizada pelos pesquisadores do campo. Pode-se afirmar apenas que ele figura com raridade no horizonte de interesses dos pesquisadores em História da Educação (alguns estudos apenas mencionam esse manual). Encarando esta interrogação como um problema, foi realizado um levantamento parcial no intuito de perceber os ecos das leituras e da circulação das obras desse autor, inobstante nosso interesse estar centrado exclusivamente na leitura do seu manual *História da Educação*. Nesse caso, o despretenso levantamento identificou essa presença em algumas ementas dos cursos de pedagogia⁵,

⁵ Algumas ementas consultadas indicaram a presença deste autor e suas obras, como o projeto Pedagógico do curso de pedagogia do Centro Universitário Luterano de Palmas para o ano de 2011, consta como leitura complementar o livro de Thomas Ransom Giles, *Filosofia da Educação*, a Universidade Federal do Piauí, no curso de licenciatura plena em Biologia, aparecem, entre as referências bibliográficas, os livros *O que é filosofar* e *História da Educação* no ano de 2012, na proposta curricular para o Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí em 2006, nos cursos de História da Educação e História da Educação Brasileira, no Curso de pedagogia da Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central, na Ementa do Curso de Pedagogia para o ano de 2012 da Faculdade José Lacerda Filho de Ciências Aplicadas, no Curso de pedagogia do Centro Universitário no Cerrado Patrocínio, no Curso de pedagogia da Universidade Estadual de Santa Cruz, na Bahia, no Curso de pedagogia da Universidade Estadual de Goiás, no projeto político pedagógico da Unidade Universitária São Luís de Belos Montes, na Disciplina de Antropologia da

em acervos de bibliotecas do estado do Rio de Janeiro⁶ e em referências bibliográficas⁷.

Sublinhar essa escrita como dispositivo, suas ferramentas, modos de operar e, ao mesmo tempo, alguns usos (ou desusos) que se fazem dela pode dar a ver disputas, conflitos e ambiguidades que caracterizam diferentes experiências e investimentos que pretendem fornecer inteligibilidade para as ‘coisas do passado’ educacional no Brasil e no mundo.

Supõe-se ser intrigante o interesse pelas ‘coisas do passado’, já que as mesmas estão nesse lugar do não mais atualizável, atingível, modificável. Qual racionalidade justifica que o historiador da educação pense, leia, analise, reflita uma experiência ultrapassada se seu efeito é morto no tempo que a sepultou? O tempo: uma ilusão que “[...] fornece a moldura vazia de uma sucessão linear” (CERTEAU, 2007, p. 23).

“As coisas do passado são abolidas, mas ninguém pode fazer com que não tenham sido” (RICOEUR, 2008, p. 9). Assim, “[...] tornar o presente mais inteligível”, como apontou Thomas Ransom Giles (1987, p 1) , pode ser a resposta. Afinal, como compreender o que constitui este hoje, o funcionamento desta maquinaria complexa de intervenção (autorizada e obrigatória) na vida, que é a escola, sem dar conta de pensar o processo a partir da qual ela se constituiu, ela se tornou o que é hoje – e, ao mesmo tempo, o que não foi e poderia ter sido. Não se pode

Educação do Centro Universitário da Fundação Instituto de Ensino para Osasco, na Universidade Cidade de São Paulo, no Curso de Mestrado em Educação, que cita o livro *Introdução à Filosofia*.

⁶ Acervo de algumas bibliotecas, como UERJ, Centro de Educação e Humanidades (manual de História da Educação e mais quatro livros), UFRRJ (aparecem somente os títulos relacionados à filosofia) e PUC-RJ (somente os títulos relacionados à filosofia) – Disponível em: <<http://pucrio.summon.serialssolutions.com>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

⁷ Dois artigos na Revista de Ciências da Educação, do Centro Universitário Salesiano de São Paulo, que citam fenomenologia e filosofia (PAPP, 2003; CARVALHO, 2003); Artigo da Revista HISTEDBR On-line, que cita como referência bibliográfica o livro de história (FERRONATO, 2007); Palestra de apresentação do Terceiro Encontro de Educação Cristã promovido pela Secretaria Presbiteral de Educação Cristã do Presbitério de São Bernardo do Campo, que cita o livro *Filosofia da Educação* (COSTA, 2008); Trabalho do XI Encontro de iniciação à docência da Universidade Federal da Paraíba (TOMAZ; TAVARES, 2007); Artigo da Revista Percursos Históricos On line (SOARES, 2011).

perder de vista que “[...] uma narrativa não se parece com o acontecimento que ela narra” (RICOEUR, 2008, p. 9).

Referências

ANDRADE FILHO, B. *História da educação*. São Paulo: Saraiva, 1941.

_____. *História da educação*. São Paulo: Saraiva, 1953.

BELLO, R. A. *Esboço da história da educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

_____. *Pequena história da educação*. Local: Editora Brasil, 1957.

CARNEIRO, D. *História esquemática da educação e das universidades no mundo*. Curitiba: Ed. da UFPR, 1984.

CARVALHO, F. A. A escola cristã face ao desafio de um mundo em transformação. *Revista de Ciências da Educação*, São Paulo, Ano 5 n. 9, p. 257-275, 2003.

CERTEAU, M. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

COSTA, H. M., Reverenda. A Palavra de Deus como fundamento da educação cristã. In: ENCONTRO DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, 2008. [Trabalhos apresentados]. São Bernardo do Campo: Secretaria Presbiterial de Educação Cristã, 2008. Disponível em: <
http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/EST/DIRETOR/A_Palavra_de_Deus_como_Fundamento_da_Educacao_Crista__1_.pdf>.
Acesso em: 10 jun. 2013.

COTRIM, G. V.; PARISI, M. *Fundamentos da educação: história e filosofia da educação*. São Paulo: Saraiva, 1979.

EBY, F. *História da educação moderna*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1978.

FERREIRA, T. L. *História da educação luso-brasileira*. São Paulo: Saraiva, 1966.

FERRONATO, C. A historiografia educacional sobre a Assembléia Geral Constituinte e Legislativa do Império do Brasil: 1823. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n. 27, p. 47 –64, set. 2007. Disponível em:

<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/27/art05_27.pdf>.

Acesso em: 10 de junho de 2014.

GAL, R. *História da Educação*. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

GILES, T. R. *A filosofia e as ciências exatas ou naturais*. São Paulo: EPU, 1995.

_____. *A filosofia: origem, significado e panorama histórico*. São Paulo: EPU, 1995.

_____. *Coragem! O Senhor te chama*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1978.

_____. *Crítica fenomenológica e experimental da psicologia experimental em M. Merleau-Ponty*. São Paulo: Editora Vozes, 1979.

_____. *Dicionário de Filosofia Termos e Filósofos*. São Paulo: EPU, 1993.

_____. *Estado, poder, ideologia*. São Paulo: EPU, 1985.

_____. *Filosofia da Educação*. 2. ed. São Paulo: EPU, 1987. (Coleção Temas Básicos de Educação e Ensino).

_____. *Filosofia da Educação*. São Paulo: EPU, 1983. (Coleção Temas Básicos de Educação e Ensino).

_____. *História da Educação*. São Paulo: EPU, 1987.

_____. *História do existencialismo e da fenomenologia*. São Paulo: EPU, 1975.

_____. *História do existencialismo e da fenomenologia*. 2. ed. São Paulo: EPU, 1989.

_____. *Hora santa vocacional: Senhor que queres que eu faça?* Aparecida: Editora Santuário, 1983.

- _____. *Introdução à Filosofia*. São Paulo: EPU, 1979
- _____. *Jerusalém e Atenas: filosofia e teologia*. São Paulo: EPU, 2001.
- _____. *Nietzsche no limiar do século XXI*. 2. ed. São Paulo: EPU, 2008.
- _____. *Nietzsche no limiar do século XXI*. São Paulo: EPU, 2003.
- _____. *O que é filosofar?* São Paulo: EPU, 1984
- _____. *Rumos da pastoral vocacional*. Aparecida: Editora Santuário, 1976.
- _____. *Teologia em perspectiva*. São Paulo: EPU, 1990.
- GONDRA, J. G.; SILVA, J. C. S. *História da educação na América Latina: ensinar e escrever*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011.
- HUBERT, R. *História da pedagogia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.
- LARROYO, F. *História geral da pedagogia*. Local: Editora Mestre Jou, 1974.
- LAWRENCE, E. S. *As origens e a evolução da educação moderna*. Lisboa: Editora Ulisseia Limitada, 1950.
- LUZURIAGA, L. *História da educação e da pedagogia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.
- MATTOS, L. A. *Primórdios da educação no Brasil: o período peróico (1549 a 1570)*. Rio de Janeiro: Editora Aurora, 1958.
- MONROE, P.; AZEVEDO, N. C. *História da educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.
- MORAIS, R. *História e Pensamento na Educação Brasileira*. Campinas: Editora Papirus, 1985.
- PAPP, M. A. O problema religioso no universo educativo. *Revista de Ciências da Educação*, São Paulo, ano 5, n. 9, p. 25-51, 2003.

PEETERS, F, Madre; COOMAN, M. A., Madre. *Pequena história da educação*. São Paulo: Melhoramentos, 1936.

PEIXOTO, A. *Noções de história da educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1953.

PILETTI, C.; PILETTI, N. *Filosofia e História da Educação*: São Paulo: Editora Ática, 1985.

PROST, A. *Doze lições sobre a história*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2008.

REVEL, J. *História e historiografia: exercícios críticos*. Tradução de Carmem Lúcia Druciak. Curitiba: Ed. da UFPR, 2010.

RIBEIRO, M. L. S. *História da educação brasileira: a organização escolar*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978

RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2008.

ROBALLO, R. O. B. *Manuais de História da Educação da coleção Atualidades Pedagógicas (1933-1977): verba volant, scripta manent*. 2012. 285 fl. Tese (Doutorado)-Universidade Federal do Paraná, 2012.

ROMANELLI, O. O. *História da Educação no Brasil*. São Paulo: Editora Vozes, 1975.

ROSA, M. G. *A História da Educação através dos textos*. São Paulo: Editora Cultrix, 1971.

SANTOS, T. M. *Noções de história da educação: de acordo com os programas das faculdades de filosofia, dos institutos de educação e das escolas normais*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

SOARES, M. Sobre as origens da educação pública, nacional e estatal: Estados Unidos, séculos XVII-XIX. *Percursos Históricos*, [S. l.], ano 1, ago. 2011. Disponível em: <<http://percursoshistoricos.blogspot.com.br/2011/08/sobre-as-origens-da-educacao-publica.html>>. Acesso em: 18 ago. 2014.

TOBIAS, J. A. *História da educação brasileira*. São Paulo: Editora Juriscredi, 1977.

TOMAZ, A. M.; TAVARES, F. B. História da educação: uma abordagem contextualizada com a vida do discente. In: ENCONTRO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA, 9., 2007. *Anais...* Paraíba: Universidade Federal da Paraíba, 2007. p. 4. Disponível em: <http://www.prac.ufpb.br/anais/xenex_xienid/xi_enid/monitoriaped/AN AIS/Area4/4CEDFEMT01.pdf>. Acesso em: 10 de junho de 2013.

TREVISAN, L. *Estado e educação na história brasileira 1750/1922*. São Paulo: Editora Moraes, 1987.

XAVIER, L. Matrizes interpretativas da história da educação no Brasil republicano. In.: FERREIRA, A. C.; TAMBARA, E.; XAVIER, L. *História da Educação no Brasil: matrizes interpretativas, abordagens e fontes predominantes na primeira década do século XXI*. Vitória: EDUFES, 2011.

ZIND, P. *Visão panorâmica da história da educação na Europa*. São Paulo: Editora do Centro de Estudos Maristas, 1987.

Endereço para correspondência:
Estrada do Mendanha, 3.600, Bl. 1, apto. 108
Campo Grande - Rio de Janeiro-RJ
CEP: 23092-002 - Brasil
E-mail: aline.de.morais.pasche@gmail.com

Submetido em: 04/09/13
Aprovado em: 27/07/14

| |
|--|
| License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited. |
|--|